

CORREIO ECONÔMICO

POR MARTHA IMENES



Município de Vitória é destaque em avaliação

Cenário fiscal melhora no país.

Vitória tem nota máxima

O cenário fiscal das cidades melhorou, mas 36% delas, com 46 milhões de brasileiros, ainda têm situação fiscal difícil ou crítica. Vitória é a única capital a alcançar nota máxima. Já Cuiabá tem nota zero em liquidez e nível crítico de investimentos. Os dados fazem parte do Índice Firjan de Gestão Fiscal (IFGF), que analisou as contas de 5.129 municípios com base em dados das prefeituras.

Repasse

De acordo com o presidente da Firjan, Luiz Césio Caetano, é fundamental considerar que o cenário está melhor por conta dos resultados econômicos de 2024 e de maior repasse de recursos. Somente do Fundo de Participação dos Municípios (FPM) repassou R\$ 177 bi em 2024.



Volume de grãos pode passar de 353,8 mi de toneladas

Brasil deve ter nova safra

recorde de grãos em 2025/26

O recorde histórico da produção de grãos, obtido em 2024/2025 deverá ser superado na próxima safra. É o que indica a 13ª edição da pesquisa “Perspectivas para a Agropecuária 2025/2026”, da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). De acordo com a publicação, se confirmadas as expectativas, o volume total

Soja

Com relação ao principal produto cultivado no Brasil, a Conab projeta, para a soja, aumento de 3,6% na produção, chegando, portanto a 177,67 milhões de toneladas na próxima safra. Na última colheita, foram colhidas 171,47 milhões da oleaginosa, aponta a publicação.

Milho

No caso do milho, há uma expectativa de redução de 1% da colheita, na comparação com a safra 2024/25, mesmo havendo aumento de área cultivada nas primeira e segunda safra. Segundo a Conab, esse movimento se deve à expectativa de aumento no consumo interno.

Algodão

A boa rentabilidade e a possibilidade de venda antecipada da produção de algodão têm favorecido essa cultura. A expectativa para a safra 2025/2026 é de um crescimento de 3,5% na área semeada. A produção deverá crescer 0,7%, alcançando 4,09 milhões de toneladas.

Arroz e feijão

A safra de arroz indica tendência de retração da área cultivada nos principais estados produtores, saindo de 1,76 milhão de hectares em 2024/25 para 1,66 milhão de hectares no ciclo 2025/26. No caso do feijão, é estimada uma produção próxima a 3,1 milhões de toneladas.

Leão vai ‘abocanhar’ o

imposto direto na fonte

Plataforma será 150 vezes maior que o Pix em volume de dados

Por Martha Imenes

A nova plataforma digital anunciada pela Receita Federal, está sendo chamada de Super Pix e não é à toa: a ferramenta será 150 vezes maior que o Pix e terá capacidade de processar 70 bilhões de documentos anualmente. Esse novo sistema, segundo a Receita, vai viabilizar e estruturar o pagamento do Imposto sobre Valor Agregado (IVA), previsto na reforma tributária sobre o consumo, aprovada em 2024 pelo Congresso Nacional e sancionada no início deste ano pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

A ferramenta pretende recolher e distribuir valores em tempo real entre União, estados e municípios. A diferença entre o Pix e o Super Pix está na escala, segundo especialistas. Enquanto o Pix trabalha com três variáveis básicas (remetente, recebedor e valor), o novo sistema terá de lidar com cadeias de produção, créditos tributários e informações detalhadas sobre produtos e serviços, ficando 150 vezes maior em volume de dados.



Plataforma da Receita pretende recolher e distribuir valores em tempo real

Fiscalização contínua

Para empresas, isso significa entrar em um ambiente de fiscalização tributária contínua, no qual cada operação passa a ser monitorada e cada centavo de imposto imediatamente cobrado. Ou seja, direto na fonte de recebimento.

Na prática, o novo modelo funcionará como um radar per-

manente de transações, avalia Carlos Braga, CEO do Grupo Studio. Isso porque cada venda será registrada no ato, com cálculo automático do imposto e aplicação do *split payment*, mecanismo que divide os valores entre União, estados e municípios sem que o dinheiro passe pelo caixa das empresas.

O objetivo, pontua o exe-

cutivo, é fechar as duas maiores portas de sonegação fiscal: a postergação do pagamento e a emissão de notas fiscais frias.

Conforme Braga, com a ferramenta também está prevista a devolução parcial de tributos às famílias de baixa renda, estimulando a emissão de notas fiscais mesmo em operações de pequeno valor.

Especialista teme onda de falências

O especialista Carlos Braga, CEO do Grupo Studio, pondera que, apesar de destacar modernização e transparência, o efeito imediato tende a ser o aumento da carga efetiva para empresas de todos os portes.

“Penso que vai haver uma onda de falências. A Receita Federal está pensando em aumentar arrecadação, diminuir qualquer possibilidade de sonegação, mas com isso, estão elevando as margens de arrec-

dação e diminuindo os lucros das empresas ou então aumentando os preços absurdamente”, afirma.

Segundo ele, a medida faz parte de uma lógica que fortalece a arrecadação pública, mas compromete diretamente o equilíbrio das finanças privadas, especialmente em setores que já operam com margens estreitas.

Ele avalia que, em um cenário no qual o crédito já está caro

e a taxa Selic em 15% dificulta o crescimento, um choque adicional de preços pode comprometer a renda das famílias, reduzir o consumo e acentuar as desigualdades regionais. “Esse efeito dominó pode se refletir na queda de investimentos produtivos e até na desaceleração de setores estratégicos, ampliando a sensação de instabilidade econômica”.

Outro desafio está na robustez tecnológica. Se o Pix já

mostrou que o Brasil consegue operar uma infraestrutura massiva, a plataforma tributária terá complexidade inédita. Cada nota fiscal contém dezenas de informações, multiplicando o risco de gargalos e de exposição de dados estratégicos de empresas.

Procurada, a Receita não se manifestou sobre a possibilidade de falências e quebra de empresas com a nova plataforma até o fechamento desta edição.

De cada 10 empresas, seis fecham

Por Martha Imenes

Na semana que começa a etapa Rio de Janeiro da ABF Expo Franchising, pesquisa faz um alerta para os novos empreendedores ou franqueados: no Brasil, 6 em cada 10 empresas fecham as portas em até cinco anos. A falta de inovação resultou em quebra de 70% dessas empresas. Os dados são da SME The New Economy.

“Na Nova Economia, quem não inova desaparece. Não importa o tamanho, a marca ou a história. O consumidor muda rápido e exige que as empresas acompanhem essa transformação. Crescer é profissionalizar, diversificar e se preparar para atrair capital, talentos e oportunidades. É essa a fronteira que separa companhias que permanecem vivas e competitivas das que se tornam apenas estatísticas em estudos sobre mortalidade empresarial”, afirma Theo



Ambev inovou e lançou o aplicativo Zé Delivery

Braga, CEO da SME The New Economy.

A lógica é simples: sobreviver não é uma questão de sorte, mas de método. “A inovação precisa deixar de ser palavra de moda para se tornar prática diária”, pontua o executivo de negócios.

Ponto de partida

Na avaliação do executivo, nenhuma empresa sobrevive se não compreender profundamente o seu consumidor.”- Na Nova Economia, um bom produto é só o ponto de partida. Marcas que sobrevivem são aquelas que transformam o

Dicas básicas para todos os negócios

* Leia o mercado constantemente - A falta de sintonia com a demanda é um dos maiores motivos de fracasso. Um estudo recente mostra que 38% das startups quebram justamente por oferecer produtos que não encontram mercado.

* Trabalhe a cultura da empresa - A inovação não floresce em ambientes engessados. Empresas precisam criar culturas que permitam experimentação, tolerem erros e incentivem a

proposição de novas ideias.

* Diversifique receitas e modelos - A dependência de uma única linha de faturamento torna qualquer negócio vulnerável a crises. A diversificação é uma forma de proteger o fluxo de caixa e, ao mesmo tempo, abrir novas oportunidades de expansão.

* Invista em capacitação e atualização - A taxa de inovação da indústria brasileira caiu para 64,6%. Um dos fatores que explicam essa queda é a

baixa prioridade dada à capacitação de líderes e equipes. Negócios que investem em formação contínua se tornam mais preparados para enxergar oportunidades e reagir a crises de forma estruturada.

* Use dados para tomar decisões - Empresas que trabalham sem métricas acabam navegando às cegas. A coleta e a análise de dados não são mais diferenciais, mas exigências básicas. Medir comportamento de

clientes, eficiência operacional e retorno sobre investimentos é o que garante clareza para fazer ajustes rápidos e segurar vantagem competitiva.

* Tenha visão de longo prazo - Muitos negócios sucumbem porque estão presos à urgência do caixa imediato. A inovação exige paciência, consistência e visão de futuro. Construir ativos intangíveis, como marca forte e reputação, é o que garante perenidade.